

O vendedor de mapas

Michelle Alvarenga¹

Por muito tempo desejei contar-lhes a história deste homem que várias vezes cruzou o meu caminho. A primeira vez que o vi foi na universidade: eu estava a caminho do restaurante quando o avistei instalado sob uma árvore, vendendo mapas. A venda ambulante pode ser uma profissão decadente, uma vez que hoje podemos comprar absolutamente tudo online e ainda dividir a compra no cartão de crédito. Mas convenhamos que um vendedor de mapas numa universidade é uma situação no mínimo cômica: enquanto meu protagonista permanece embaixo da árvore com seus mapas enrolados em forma de tubo, os estudantes caminham apressados agarrados aos seus laptops. Fico me perguntando se nenhum deles o informou que o *Google Earth* é capaz de identificar qualquer prédio no mundo em menos de trinta segundos, pelo menos foi isso que pensei a primeira vez que botei meus olhos nele.

Enfim, a universidade era seu mercado e volta e meia eu passava por ele extremamente apressada, entre uma aula e outra, com meu laptop embaixo do braço. Certa vez o encontrei num lugar completamente inusitado durante uma das minhas caminhadas para o trabalho. Dou aulas numa escola que fica a dez minutos do terminal rodoviário central e faço o percurso a pé diariamente. O encontro foi numa segunda-feira e eu carregava embaixo dos olhos aquelas olheiras denunciadoras de quem ficou até tarde vendo televisão, ou no meu caso, lendo. Começar a semana é sempre um tanto doloroso e confesso que aquele inusitado encontro anestesiou meu sofrimento e melhorou o que tinha tudo para ser mais uma semana sofrível de final de semestre. Ele estava na plataforma superior da rodoviária, cercado por aqueles tubos muito compridos e usando um daqueles chapéus de turista na cabeça. Uma coisa que me chama atenção nele é o fato dele ignorar a primeira e fundamental regra do manual do bom vendedor ambulante e ao invés de gritar “Olha o mapa! Olha o mapa baratinho! Leve três, pague dois!” ele falava com uma incrível

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Brasília

afabilidade “Bom dia senhor! Gostaria de comprar um mapa?”. Talvez fosse por este o motivo que ele carregava tantos mapas, provavelmente os mesmos de sempre, porque quem não grita não leva.

Seria conveniente justificar seu derrocado ofício com aquela desculpinha esdrúxula de que ‘ele herdou a profissão do pai’. Tal hipocrisia não somente irritaria profundamente meu personagem como o trairia ao ponto dele me odiar para sempre. Ele pensou que seria revolucionário vender mapas, nem tanto pelo produto comercializado, mas pelo simples fato de não trabalhar em casa. Sua mãe era lavadeira e seu pai um alfaiate. Os dois trabalhavam dentro de uma casa de cinquenta metros quadrados no subúrbio da cidade. É evidente que ele se sentia sufocado neste recinto, sou capaz de imaginar uma grande bacia cheia de água suja, ao seu lado existe uma tábua de passar instalada embaixo de muitos varais coloridos; há ainda uma grande máquina de costura, muitos alfinetes espetados numa almofadinha velha e milhares de cabides espalhados entre fitas métricas e linhas de tons pastéis e preto (de longe a cor mais requisitada); e são necessárias no mínimo duas camas (uma de solteiro e uma de casal), pelo menos um guarda-roupa, um fogão, uma geladeira, uma pequena mesa de jantar... e eu já fico sem ar só de pensar tal ‘apertamento’.

Na verdade, não acho que ele carregue toda a culpa. Veja que seu pai, por exemplo, exercia um ofício já não mais existente. Se ele herdasse o infortúnio de se tornar um alfaiate em pleno século XXI ainda teria a oportunidade de se denominar um *designer* e se divertir com a possibilidade de vestir as pessoas com os ‘modelitos’ mais chumbregas. Se o tivesse sido certamente seria muito menos pobre e muito mais *fashion*. Mas como modernizar um vendedor de mapas? Impossível.

Minha mãe tem alguns mapas em casa, a maioria deles são mapas rodoviários dos menores estados do Brasil. A finalidade desses mapas dentro de casa foi algo que eu nunca entendi, talvez ela não tivesse mais espaço nos seus armários do escritório. Esses mapas vinham dobrados dentro de embalagens bem protegidas, de forma que podiam ser amontoados organizadamente sem ocupar muito espaço. O vendedor de mapas bem que podia dobrar sua mercadoria e assim economizar espaço e poupar constrangimentos dentro

dos ônibus superlotados. Mas se ele os dobrasse poderia acidentalmente apagar o nome de qualquer cidadezinha do interior de Minas Gerais e enrolando-os em tubos preservaria todas as letras intactas.

Não pense que meu personagem era sozinho, porque o amor é comum até aos mais antiquados. Ele tinha uma esposa (que não era das mais belas) e um filho (que não era dos mais espertos), mas por mais triste que pareça ainda era uma família. Sua esposa também lavava roupa para fora, seu filho estudava na escola mais próxima de casa e ele enfrentava horas de engarrafamento para vender mapas no centro, recusando assim seu legado provinciano.

Certa vez seu filho lhe pediu ajuda com um trabalho de geografia, e ele prometeu ajudá-lo à noite, assim que chegasse da rua. Passou o dia excitado, ansioso por chegar em casa para ajudar o garoto e quem sabe, dependendo do tamanho da sua sorte, seria necessário abrir qualquer um dos mapas para conferir o nome da capital de Roraima. Chegou em casa pontualmente às dezenove horas, jantou em cinco minutos e seguiu para o menor cubículo da residência, o quarto do pequeno.

Seus olhos mal podiam encontrá-lo, já que estava encolhido sob a minúscula janela. Sentou-se ao seu lado, puxou o caderno de garranchos e começou a ler. Impossível descrever sua felicidade quando percebeu que a tarefa consistia em listar os vinte e sete estados brasileiros e suas respectivas capitais. Ele já estava de pé para buscar o mapa quando seu filho lhe informou que esta parte do trabalho já estava concluída e que a única tarefa restante era escrever um dos nomes dentro de cada uma das estrelas da bandeira nacional, estampada na contra capa do livro de geografia. Novamente é impossível descrever com veracidade a frustração daquele pai tão dedicado. E é ainda pior dividir sua dor ao descobrir que a ferramenta que auxiliou o menino com o dever de casa foi o navegador citado poucas linhas acima.

No dia seguinte ele decidiu que devia procurar nova freguesia, pois o centro estava lotado de computadores e a periferia não teria acesso a eles (é claro que ele preferiu ignorar

o fato que seu próprio filho havia usado um computador com internet a poucos quilômetros da sua casa). Pegou o ônibus na direção contrária e em pouco tempo se deparou com uma bagunça desordenada entre as duas pistas principais, característica de todo bom bairro periférico. Deu sinal para o motorista e desceu em frente à feira. Respirou fundo com a certeza de que aquele seria um dia bom.

Andou por alguns metros a fim de escolher um lugar estratégico para se instalar e enfim avistou um intervalo de aproximadamente dois metros entre a barraca do pastel e uma banca de dvd's piratas. O lugar perfeito! Ora, todo bom brasileiro que vai à feira come pastel, toma caldo de cana e financia a pirataria. Ele só precisava atravessar a rua para ganhar a sua fatia do dinheiro. Tentou em vão localizar uma faixa de pedestres. A travessia deveria ser feita ali mesmo, com a astúcia de um roedor. Esperou alguns minutos e perto de impacientar-se percebeu um pequeno intervalo entre os carros. Assim que o ônibus passasse, ele teria alguns segundos para cruzar a pista antes da aproximação de um carro muito amarelo.

Começou a correr e imediatamente sentiu-se um pouco mais leve. Tocou a cabeça e sentiu com alívio seu chapéu de turista. Apalpou sua mochila e notou que o único mapa-múndi que ele possuía, aquele que andava sempre amarrado à alça por conta de seu tamanho hiperbólico havia desaparecido; virou-se e lá estava ele, rolando veloz na avenida movimentada. Percebeu que a luta seria difícil, precisaria superar o vento para recuperar seu rolo mais precioso. Se o mapa estivesse dobrado ele permaneceria estático e de fácil alcance, mas as cidadezinhas do interior de Minas Gerais eram mais importantes.

Cada segundo perdido era crucial, porque as leis da física não permitem pensamentos retardados. Aquele era seu melhor mapa, o mais caro e o único que possuía os cinco continentes. Seu tesouro jazia freneticamente, corria perigo eminente e só ele podia salvá-lo. Correu no caminho inverso e esticou seu braço o máximo que pode. Mas o mapa indecoroso fugia atrevido, inconsciente do risco. Novamente apressou o passo e debalde lançou resolutamente o braço. Inútil. O mapa escapava-lhe as mãos como uma criança mimada. Tentou uma última aproximação, mas desconcentrou-se com um barulho ensurdecedor que

vinha de fora da sua cabeça. Procurou em vão a fonte do som e tudo que pôde ver foram os rostos muito assustados daquelas pobres pessoas. Lembrou-se do ponto amarelo que vinha em sua direção, olhou para trás e não pôde vê-lo, virou o pescoço e ele encontrava-se parado à sua frente. Foi incapaz de se mexer e sentiu um líquido quente banhar-lhe a face. Apalpou o chão a sua volta e finalmente sentiu o comprido tubo de papel. Segurou o mapa com veemência e fitou o carro amarelo. Em pouco tempo o brilho tornou-se opaco, o amarelo vivo perdeu a cor e tudo ficou preto.

Não seria correto sentir pena deste vendedor de mapas, pois assim como ele ainda existem vendedores de enciclopédias que batem de porta em porta, e fotógrafos que ainda tiram fotos 3x4 naquelas máquinas que registraram a infância dos nossos avôs. Também não seria correto pensar que foi a modernidade que o matou, por isso prendamo-nos ao eufemismo barato de que ela apenas o impediu de viver. E ainda que eu sinta vergonha da compaixão que reluto em ter por aqueles que ainda não mudaram de século, arrependo-me ainda mais amargamente por não ter adquirido aquele enorme mapa-múndi quanto me foi dada a chance.